

B
4229
2.
24

JORNAL

DA SOCIEDADE

PHILOMATICA

SERIE I. MAIO DE 1889. N. 2.

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Francisco de Siqueira Dias,
Antonio Justiniano dos Santos,
Emerico Simão,
Eugenio Adriano Pereira da Cunha e Mello,
Francisco Basilio Duque.



RIO DE JANEIRO

IMP. DE TEIXEIRA & C.ª, RUA DO OUVIDOR N.º 91.

1889.

DA SOCIEDADE PHILOMATICA

SERIE I

MAIO 1859

N. 2.



52-2.479

Napoleão e os philosophos, Chateaubriand e Stael, Cousin e o seu ecletismo.

O carro devastador da Revolução franceza, percorria as plagas da velha Europa, espalhando até o Brasil infante as centelhas do facho luminoso, que guiava a través das trevas do despotismo e tyrania, esmagando com as suas pesadas rodas, não só os inimigos, mas também, como Djagrenat, os seus fanaticos adoradores; essa revolução, que, como uma labareda açoitada pelos ventos parecia lambem em sua passagem tudo que fizera o passado: reis, reinos, religiões e leis....

Erão passados os primeiros dias em que um frenetico enthusiasmo pela liberdade ia precipitando uma revolução tão grande em seus principios em um abysmo insondavel de consequencias absurdas. Então quando os espiritos serenarão mais, e se pensou no presente, tudo era destruição, decepções e amarguras; o frio manto do desânimo cobria de trevas os espiritos; nada mais havia para destruir!...

Os homens voltendo os olhos para o passado tão cheio de dolorosas recordações, nada acharão! Já o tempo havia riscado da memoria as lembranças; já as chammas haviam elevado em espiraes de fumo preciosos documentos, grandes lições para o futuro!

Tudo é persiguições injustas e confusão: milhares de victimas banhão com seu sangue innocente o solo, onde devião germinar os fructos da grande reforma.

As cabeças dos Robespierres, Couthon e Saint-Just, caem do cadafalso no meio dos freneticos applausos da populaça ebria de alegria: está acabado o terror!...

« Ah! si a cada um dos representantes das grandes revoluções fosse dado, diz Servan, prever o futuro dos acontecimentos de que elle fora causa, recuaria de espanto; Cesar — pelos horriveis crimes de Nero, Calligula, Domiciano e a completa ruina do Imperio

Romano. Luthero e Calvino — pela abominavel successão de guerras atrozes, que elles ião excitar, rios de sangue, que farião correr. Mirabeau, Duport, Lameth, Barnave, Perigord — pela execução do innocente Luiz 16 e sua esposa, pelo despedaçamento da monarchia, pela morte de alguns d'elles, pelas guerras que se seguirão.

.....
Párava nas mãos do Directorio o governo da França; mas elle não tinha energia bastante para conter o transbordamento das idéas e curso perigoso da Revolução. Foi ahi então que appareceu Bonaparte, que com o seu braço poderoso conteve os desvarios, defendeu o povo e combateu com a Europa inteira, venceu no interior a anarchia e tratou de reconstruir a França, esse paiz tão celebre no progresso da civilisação. Graças á elle, ella ponde ver a liberdade substituir a licença, o elemento popular á demagogia, e o catholicismo ao atheismo. Napoleão, como diz Cousin, foi o homem providencial, o genio da Revolução até 1804. Emquanto consul desempenhou a sua missão divina como um digno filho da liberdade; mas depressa elle esqueceu-se daquella que o havia embalado no berço da gloria, e abandonou os simples loiros de soldado da Republica para cingir a fronte com a rica corôa de Imperador e sentar-se n'esse throno, donde o povo, conquistando os seus direitos, havia feito rolar o digno filho de S. Luiz. A França só era pouca para seu imperio; elle queria avassallar o mundo inteiro!. Mas Deus lhe dissera: pára, e a estrella brilhante, que os seus passos guiava na carreira da gloria, desapareceu diante de Waterloo; ali — o poder de Deus personificado no exercito aliado, ali — a fraqueza do homem symbolisada na traição de Grouchy, ou tal-

vez no erro de calculo do proprio Napoleão...

Napoleão, na sua grande obra de reconstrucção da França, não se esqueceu da religião, base de todo governo bem constituido. A religião de Christo vem de novo residir nos templos. Não era isso bastante; era preciso que um homem despertasse o sentimento religioso, a fé no coração do povo acostumado a dormir o somno do indifferentismo sobre as crencas antigas — esse homem appareceu; elle foi Châteaubriand, o poeta, o romancista, o critico, o politico, o historiador, o erudito, sempre cheio de talento e patriotismo para trabalhar á bem da patria. A' elle coube a importante missão; o seu bello livro — O Genio do Christianismo appareceu, e os seus compatriotas, que havião calcado aos pés o altar de Notre Dame, para adorar na festa da profanação a Deusa da Rasão, representada por uma filha dos prostibulos, que havião calcado aos pés a Cruz symbolo da Redempção, que havião despedaçado nas laças frias dos templos profanados pelas bacchanáes, os crucifixos e as outras imagens, que havião arrancado dos cemiterios a cruz para substituir pela imagem do somno porque Choumette avançara, que a morte é um somno eterno, tinhão necessidade de quem lhes alliviasse do jugo o sensualismo e scepticismo; e foi por isso que acolherão com enthusiasmo e lerão com muita avidéz o livro do grande homem, que traçava com côres tão vivas, e em um estylo tão elegante as bellezas da verdadeira religião, proclamada no Gólgotta pelo Filho de Deus, e então renegando os encyclopedistas, acompanharão o grande homem, que os convidava a volver as crencas de seus pais, e correrão á supplicar o perdão de suas culpas diante do altar do Redemptor. Quem ha por ahi que lendo — o Genio do Christianismo, — não tenha deixado escapar um signal de admiração e respeito para com o grande Pai da humanidade?!

Châteaubriand salvou a religião em França, elevando sobre os destroços do atheismo as verdades do Christianismo com todas as suas bellezas, e lançou fecundos germens para uma nova litteratura; pois a litteratura franceza dessa epoca, impregnada das idéas de sensualismo e scepticismo tinha-se tor-

nado fria, arida e mesmo sem gosto; pois faltavão-lhe duas fontes principaes da boa litteratura — o sentimento religioso, a idéa do bello e do sublime. A poesia um dos elementos principaes da litteratura sob a influencia malefica das doutrinas da epoca era apenas uma fria contemplação do espectáculo grandioso da natureza, porque quando os poetas não sabem sentir as impressões do bello, nem exprimi-las, caem na experiencia e eil-os emmaranhando-se no individualismo, como aconteceu a Byron e Goethe. O que acontece com a poesia esse grande elo de que Deus serviu-se por unir os homens entre si, além de trabalhar para sua perfeição, tambem acontece com os outros ramos de litteratura.

A reacção appareceu, e alguns espiritos fortes, alguns talentos pretenderão oppôr doutrinas novas ás do seculo, que estremecia nos paroxismos da morte.

A luta travou-se entre o espiritualismo da nova epoca que surgia tão cheia de esperanças e o materialismo do seculo, que baixava a sepultura: ahí apparecerão bastantes nomes dignos do seculo em que vivemos! Mas o Imperador lançou a sua poderosa espada entre os illustres combatentes, e separando-os cobrio com o manto de sua gloria aquelles que encadeados ao seu carro triumphal cantarão as victorias, e lançou no desterro aquelles que preferirão ficar seus adversarios; dentre estes apparecem com gloria Châteaubriand e Stael. Seguiu-se então uma litteratura imperial, official, elegante mesmo em suas formas, mas acanhada e sem uma qualidade essencial... a vida!

Emvão Charles Villers pretendeu propagar na França o espiritualismo de Kant, o pai da philosophia allemã, segundo o Sr. Cousin, o maior protesto do senso commum, da dignidade humana contra o materialismo de Locke, de Condillac, etc; em vão a grande Stael, a portentosa mulher do seculo 19, a intelligencia femil elevada ao mais alto grão de cultura e perfeição, pretendeu iniciar os seus compatriotas em uma litteratura nova cheia de bellezas, e fazer despertar no coração d'elles o sentimento do bello, iniciando-os ao mesmo tempo em uma philosophia, que

comquanto não seja completa, contudo era a maior barreira que se podia oppôr ao materialismo dominante. A illustre representante do bello sexo, cheia de talento e patriotismo como Châteaubriand, como elle se dedicava á poesia, á politica, á historia, á philosophia, ao romance e á critica.

Os seus dous livros — Da Allemanha, e da litteratura em suas relações com as instituições sociaes, — attestão bem alto até que ponto, pode chegar o espirito penetrante de uma mulher, quando a intelligencia é bem cultivada. (a) No livro — Da Allemanha — ella tratou largamente e com estylo elegante dos costumes, do character e do genio do povo allemão, e ainda mesmo da philosophia e de todos ramos da litteratura. No outro livro — Da litteratura em suas relações com as instituições sociaes, ella acccitando o passado abria um caminho novo á litteratura franceza, apresentando uma nova litteratura differente da litteratura da epoca.

O estado em que se achava a philosophia e a litteratura n'essa epoca em França é bem sabido. Até a queda de Napoleão tinham ainda muita influencia as idéas do seculo passados, porque elle só tratou de modificar aquellas consequencias, que ião de encontro as suas pretensões; ainda existia pois, essa philosophia, cujas consequencias religiosas forão — a incredulidade, e as consequencias politicas — a grande Revolução. — Em religião as Ruinas de Volney e o livro de Dupuis, forão seus catechismos; em politica — o contracto social e as theorias de Mably a grande carta constitucional.

A philosophia allemã, pelo contrario, era tradicional em sua origem e cheia de enthusiasmo pela religião, pela historia e pelas instituições antigas do paiz; ella parecia mesmo querer fazer um pacto de alliança entre o passado e o presente.

Quanto á litteratura todas as outras lhes erão familiares, até mesmo as orientaes; ella estava cheia de enthusiasmo pela hespanhola,

(a) Que grande exemplo para a educação moral de nossas patricias! Sim; cultivai com esmero a intelligencia das brasileiras, que então vereis bastantes nomes escriptos com honra nos annaes da nossa joven litteratura.

typo mais elevado da arte catholica, onde os poetas e escriptores erão ao mesmo tempo soldados e gentis-homens, onde a mesma mão que sabia pegar na penna, sabia manejar a espada diante do inimigo, onde Ercilla, descancando das fadigas do combate, debaixo de uma tenda escreve o seu poema, onde Garcilon morre diante de Tunes depois de escrever bellas poesias amorosas, onde Cervantes com uma mão motilada no Lepanto tão cheio de reminiscencias, escreve o seu rico poema, onde Lopes da Vega é um dos melhores guerreiros da grande armada, onde Calderon depois de combater com ardor e coragem nos exercitos em Flandres e na Italia, morre depois de casar-se com a Igreja de Christo.

Ao passo que Guilherme Schlegel faz despertar o enthusiasmo pelo litteratura hespanhola, Werner em seus escriptos pinta a necessidade de uma crença fixa, estavel e lembra as magnificencias dos tempos passados: Luthero, Attila, a Cruz, sobre o Baltico, os Filhos dos valles, disso fazem fé.

Era para essa litteratura, que a immortal Stael procurava atrahir a attenção dos seus compatriotas, mas as suas obras, como todas as cousas tinham necessidade de vir a luz em occasião opportuna, e essa ainda não tinha chegado.

Napoleão que aborrecia os philosophos, odiava a illustre Stael, porque, como elle disse um dia querendo justificar-se de tel-a obrigado á procurar em terra estrangeira um repouso a suas fadigas, « ella fermentava os espiritos em sentido que não lhe convinha. » Sim; o grande homem, filho da Revolução, da qual elle foi um dos vultos mais proeminentes, e educado sob a influencia das idéas, que fizerão rolar do throno o bom rei Luiz 16, sacrificado no cadafalso pelos erros dos seus antepassados e do despotismo da monarchia do direito divino, tinha alguma razão para odiar a grande Stael e temer os philosophos, porque elles tambem fermentavam os espiritos de uma maneira, que não lhe convinha para firmar um throno em bases solidas, nem para cimentar o seu poder no colossal imperio. Napoleão, como todo despota, não queria a concentração dos espiritos no interior do seu paiz: seu nome, sua glo-

ria, e suas victorias, erão bastantes para occupar a attenção dos seus subditos!

Só depois do desmembramento do famoso imperio, depois dos annos de 1815 a 1816, Châteaubriand e Stael, esses dois luseiros da litteratura franceza, collocados na entrada do seculo 19, forão comprehendidos.

A publicação do livro da Allemanha da Snra. de Stael preparou o terreno e mesmo lançou fecundos germens para a grande obra do ecletismo do Snr. Cousin, pois, a Allemanha, só depois da publicação deste livro e graças ao elegante estylo e penetração da authora, ponde ser bem conhecida em França. Depois d'elle muitos escriptos apparecerão sobre a Allemanha e a philosophia de Kant pouco á pouco ajuntou os materiaes para elevar a grande muralha contra o materialismo, que dominava, ainda que um tanto modificado.

O Snr. Cousin desenvolveu em todos seus detalhes as idéas do philosopho allemão, mostrando os erros e as verdades.

Si remontarmos o pensamento até os primitivos tempos do genero humano, e acompanharmos a historia do seu desenvolvimento até os nossos dias, veremos o homem logo que chega á uma certa idade com um dos attributos mais nobres o sentimento de sua propria existencia, da do seu creador e do espaço, que habita. Para isso estuda a terra, medea-a e a descreve; estuda os objectos, que parecem-se achar em contacto consigo, e emprega todos seus esforços para comprehender o seu mecanismo interior, e penetrar no mysterio de sua existencia. Não contentes com isso, não contentes com os mysterios

que em si mesmo encerra, o homem arrebatado pelo desejo de saber, deixa-se elevar nas azas do pensamento além do espaçoso theatro marcado para o desenvolvimento de sua actevidade: elevado até a immensidade, elle quer chegar ao infinito, quer penetrar no seio do proprio Deus para conhecher a sua origem, os mysterios da creação e as leis que regem o universo!

Deus, o universo e alma humana, eis os grandes objectos, que attraem a attenção do homem; eis o grande problema que elle pretende resolver pela revelação, servindo-se da palavra de Deus, ou pela philosophia, confiando nos recursos de suas intelligencias, nas fracas luzes de sua razão.

No correr dos seculos, nenhuma geração tem passado por elles, que não tenha tentado dissolver a nuvem, que para a intelligencia parece cercar essa trindade.

Cada uma das gerações tem tido grandes orgãos, que para esse fim tem trabalhado; o tempo corre e com elle a vida se escôa, mas a humanidade progride, e as descobertas, as idéas dos homens vão entrando em circulação, vão augmentando e formando systemas, e assim novas verdades vão sempre apparecendo.

A nossa geração tem a gloria de ter por um de seus orgãos, o grande Cousin, que estudando todas as doutrinas philosophicas até hoje apparecidas, e colhendo d'ellas as verdades formou o ecletismo.

Rio 27 de Novembro.

F. RANGEL PESTANA,

Da Pena de Morte.

(Continuação.)

As penas attingem o homem, ou em sua honra, ou em sua pessoa, ou em seus bens. Estes tres elementos combinados e empregados a proposito formão toda a sciencia do legislador.

Dracon ignorava inteiramente esta combinação quando assignava com letras de san-

gue a — morte — para toda a especie de delictos.

Não percamos de vista que ainda mesmo que a lei caia com todo o seo peso sobre aquelle que ella pune, ella não obra por vingança; ella não tem e não deve ter em vista senão a correccão do culpado, e o exemplo de

um equal castigo para aquelles que fossem tentados em imital-o.

A vingança é o effeito de uma paixão que conduz bruscamente á uma represalia; ella tem tanta maior satisfação, quanto mais o punhal se acha gravado no coração do agressor. A lei está acima de tudo isto: ella não tem interesse em assassinar ou em decapitar; os magistrados que são seus órgãos devem como ella ser impassiveis e destituidos de todo o espirito de vingança; devem ter em vista que aquelle que elles ferem é um membro da sociedade, homem e cidadão como elles.

« Quanto mais se examina a pena de morte, diz Bentham, tanto mais se é levado a adoptar a opinião de Beccaria. Este assumpto é tão bem tratado em sua obra que se póde dispensar de tratar depois d'elle.»

Com quanto este grande juris-consulto seja da minha opinião sobre a pena de morte; contudo divergimos unicamente em um ponto.

Elle admittê a pena de morte nas guerras civis. E' justamente nas guerras civis que não convem a applicação dessa pena; por isso que os espiritos estando n'uma agitação continua não podem com reflexão e tranquillidade de espirito julgar com a justiça que deve ser o guia de todo o juiz.

Não accostumemos os povos ao sangue, não familiarisemos os juizes com as condemnações capitães.

A morte reservada para os grandes culpados não é um freio capaz de os deter; elles são mais aterrados pela duração da pena do que por sua qualidade.

Se trabalhos perpetuos, substituidos a este supplicio, são mais uteis á sociedade, mais proprios á prevenir o crime e a punil-o ! porque não nos appressaremos a introduzir esta mudança que a razão e a sã politica aconselham ao legislador, tanto quanto a humanidade a reclama?

O temor do ultimo supplicio deterá este desgraçado que a miseria atormenta; elle tem diante de si a perspectiva do cadafalso se mata; mas uma miseria eterna, prolongada sobre todos os instantes da vida, lhe offerece uma perspectiva cem vezes mais cruel que a propria morte. Sua imagem deterá aquelle que

perturbando a segurança dos outros, busca em um tenebroso assassinato a impunidade de seo crime.

Admittindo mesmo que ella não caia senão sobre aquelles cuja vida é um continuo de horrores e de atrocidades, ver-se-ha que a morte que elles tantas vezes tem dado aos outros, os tem endurecido contra seu temor; tendo uma especie de desprezo pela vida e o genero humado, elles a encarão com um rosto firme e tranquillo; morrem com indifferença, e longe d'ella servir de exemplo aos seus semelhantes, os fortalece pela esperança que elles tem, de se algum dia vierem a cometer semelhante crime, sustentar este ultimo supplicio com a mesma placidez, a mesma coragem e a mesma intrepidez. O fim da pena de morte é:

1.º A reparação do damno causado á sociedade.

2.º O exemplo a dar.

E' necessario ver que a pena de morte não satisfaz nenhum destes fins. A sociedade perdeu um cidadão por um crime, e para consolar-se desta perda comette um segundo! que allivio traz este assassinato judiciario, ou á fortuna daquelle que foi lesado, ou aos manes deste que pereceo debaixo do ferro do assassino? A morte ressuscita as cinzas do seu inimigo, ou o sangue daquelle dá á victima alguma cousa do que ella perdeu? Ora já se vê que a pena de morte não satisfazendo aos fins á que toda a lei deve satisfazer, ella é illegitima e por consequente prejudicial.

Quem sabe até que ponto pode chegar a nossa coragem? Quem sabe se nós não imitaremos esta augusta soberana que marcou a gloria de seo reinado pela abolição da pena de morte? Abracemos esta idéa; ella honra, ella consola o coração humano.

Os grandes apologistas da pena de morte dizem: que somos levados unicamente pelo coração humanitario a defender a grande causa da humanidade.

Vós apologistas da pena de morte, é que levados pelo coração humanitario em consequencia de um assassinato, n'um momento de enthusiasmo e de dôr pedis a cabeça do assassino: mas nós em quem a razão e a justiça fallão mais que o proprio coração pomos

de parte essa dôr, esse enthusiasmo, e consideramos que é um crime, punir-se o crime, com o proprio crime. Vêde o cadafalso erguido em uma praça publica; de um lado, vós ouvis os gritos abafados da multidão clamando pelo estado de barbarismo em que jaz a sociedade; do outro vós vêdes os filhos deste desgraçado (victima de nossa lei,) com as mãos erguidas aos céos implorando vingança sobre a sociedade que os tornou orphãos!! Não é um absurdo que a sociedade que deve proteger a orphandade, seja a primeira a produzi-la?

A mulher desse desgraçado levada pela miseria succumbe; suas filhas levadas por vis seductores prostituem-se; seus filhos levados por más companhias pervertem-se; em breve vel-os-heis uns ladrões, uns assassinos e suas cabeças rolaem sobre os degrãos do cadafalso, onde ha bem pouco vistes rolar a de seo pae.

Tornarão-se criminosos, mas a culpa não era delles; era da sociedade que os havia desamparado, da sociedade que lhes havia tirado aquelle que Deus tinha mandado para velar sobre sua educação, e para lhes ensinar o caminho da virtude.

Sim devião morrer, porque tinham sido educados no vicio. Morrerão deffendendo as ideias que desde a infancia haviam bebido

E' uma maxima que quem mata deve ser morto; mas é tambem verdade que quem faz beneficios é digno de recompensa. Entretanto como a sociedade não ordena por suas leis, o justo reconhecimento destes beneficios, pela mesma razão não deve ordenar e deve ainda menos exercer a justa represalia das offensas.

Gravemos nos corações dos homens as ideias moraes por impressões repetidas.

Diz o abbade Mably: « Falla-se muito nos trabalhos penosos que se quer substituir á pena de morte. Estes trabalhos postoque duros não são em toda a parte senão o recurso da indigencia; e porque quereis vós que o criminoso e o indigente tenão a mesma sorte? »

O indigente trabalha, para conservar a sua honra, e ser bem visto por seus semelhantes, ao passo que o criminoso trabalha porque perdeo-a e como tal tornou-se indigno da sociedade.

Em todas as partes do globo, reclama-se a abrogação da penna de morte, que não se pôde arrogar o direito de impôr sem a violação das ideias moraes e religiosas. Eduardo Liviusgtone, encarregado, em ultimo lugar de apresentar um código penal, para a assembléa geral do Estado da Luziania, propoz formalmente a sua abolição, depois de apresentar nobres e assaz poderosas considerações. Mas diz o Abbade Mably: « Os cidadãos exigirão que o legislador vellasse em sua segurança, e com a espada na mão desviassem os perigos que os ameaçavão, e os deffendessem contra o inimigo domestico que os quizesse perder. »

Os cidadãos exigirão que o legislador vellasse em sua segurança: isto é verdade; exigirão que desviasse os perigos que os ameaçavão: isto tambem é verdade; exigirão que os deffendessem contra o inimigo domestico que os quizesse perder: isto ainda é verdade; mas o sophisma está em acrescentar estas palavras — com a espada na mão. —

Pode-se deffender sem se matar, e nada prova que os cidadãos exigissem a pena de morte como a unica pena tutelar. A pena de morte é uma questão que deve ser bem estudada e disceptada; de nós depende a sua abolição; de nós depende o rasgar-se essa pagina negra da nossa futura historia para occultarmos aos nossos vindouros o estado de barbarismo em que jazia a sociedade no 19 seculo.

Concluirei com as palavras de um celebre escriptor:

« Cessai pois amigos da lei e da justiça, cessai de acreditar que é preciso sangue para atemorisar os homens ou diminuir os crimes. A experiencia não prova que tanto rigor seja salutar; longe de o abraçar, a utilidade publica o repudie; e a humanidade oppõe-se como a natureza. »

Portanto não devemos admitir uma pena que acarreta tantos males para a sociedade; e admittamos como meio mais social, mais moral, mais religioso para a punição dos maiores crimes — a privação completa de liberdade. —

Rio, 31 de Agosto de 1858.

N. R. DOS SANTOS FRANÇA E LEITE F.º

Suicídio de Catão.

(Continuação.)

III

A liberdade é meu Deus, diz a canção marítima. Com effeito nada existe mais precioso; sem ella não comprehendo a vida. O amor d'ella que sempre acha um templo nos corações nobres, a virtude desinteressada que é quasi impossivel, a inexorabilidade para o crime, e para si proprio, fizeram de Catão esse heroe, diante de cuja estatua banhada em sangue devia ajoelhar-se a humanidade inteira. Partidario sincero das liberdades populares, typo verdadeiro do cidadão e do patriota, havendo requintado o estoicismo, sua morte foi a consequencia logica d'uma vida modelada pelos mais bellos principios que tem regido o espirito humano. Catão é d'uma memoria consoladora para os amigos da humanidade, para aquelles que sonhão a perfeição no homem. Muller pretende que elle aproximou-se ao ideal de virtude, e Roteck faz-lhe este hymno: »

« Não lhe dourava o dinheiro, como á Crasso, a gloria como á Pompeu, nem a authoridade como á Cesar, nem o prazer como á nos outros; pois sómente a virtude, a justiça, e amizade. » Seus proprios adversarios nunca ousarão contestar-lhe um lugar entre os primeiros heroes. Salustio manifesta sua admiração, attribuindo a rapida grandeza de Roma á homens como Catão. Cesar invejou-lhe a morte. As maiores illustrações da historia estão de seo lado; Voltaire, esse grande vampiro dos actos humanos, achá ridiculo dizer-se que no suicidio de Catão houve fraqueza. Examinemos sempre se elle devia proceder de outro modo.

Depois da batalha de Pharsalia o exercito republicano podia ainda alimentar esperanças de triumpho, se fosse bem dirigido pois a imprudencia de Scipião deu-lhe um golpe mortal.

Cesar triumphava por toda parte e a clemencia de que usava, desarmou á muitos. Que Roma não seria mais livre era cousa visivel para Catão. Era pois da dignidade do

homem — que sempre vivera livre, que sempre se oppuzera ao tyranno vencedor, que adoptara o estoicismo em cujas maximas entrava a do suicidio, deixar a vida. *Les petits heroes* pretendem que foi um orgulho fofo que o levou a não aceitar o perdão de Cesar. Aquelles senhores despresão as mais evidentes provas do contrario, para, não sei como, atravez do tempo e do tumulo, ir prescutar a idéa triste, pungente e doridá, que errou, talvez, por aquella grande, que se atribulava entre as gratas recordações d'um passado de glorias, e o espectáculo afflictivo d'um presente d'infamias e abjecções, e um futuro lugubre, em cujos horizontes já a vista experiente do politico via no occaso sumir-se o astro que alumiará o ceo da liberdade e da republica, e no extremo opposto surgir o do imperio e da tyrania. Morreu quando já não tinha patria, como diz Rousseau: a patria era Roma livre, e Roma era escrava. Cornelia despresa o titulo de rainha para chamar-se — mai dos Gracchos — Roma deixava o patria de Camillo e Cencinato para denominar-se cidade imperial, abdicava a coróa de soberana do mundo para trajar o manto impuro de Messalina dos Cesares ! já não dava leis ao mundo, recibia-as d'um senhor. O que devia fazer: Catão ? Liberta-la ? Elle era unico; os grandes heroes de Roma antiga dormião em seu jazigo e já não podião acudir aos males da Republica. Devia submeter-se? Naquelle peito romano aonde até então só tinha imperado o amor da virtude, da patria, e da liberdade, não havia lugar reservado para o servilismo. Devia imigrar? Não! respondia-lhe o fim tragico do grande Pompeu nas praias de Alexandria. O que pois lhe cumpria fazer? Depois de ter volvido um extremo olhar para as grandesas passadas do povo rei, na phrase epica do poeta latino, *populum late regem*, depois de haver interrogado seus companheiros e só obtido respostas não equivoacas acerca de sua vontade de submeter-se, Catão leo duas vezes o

Phadon de Platão, e adormeceu. Ao despertar tres partidos se offerecião: um tumulo que se lhe abria aos pes, os ferros que devião arroxar-lhe os pulsos, ou consentir que Cesar lhe gravasse na fronte —perdoado! tu que não commetteste um crime, deves á vida á teo vencedor, ao inimigo da tua patria. Sua escolha não podia ser duvidosa, foi a do homem livre. Deixou os ferros para os escravos, o estigma da infamia para os cobardes, e o cidadão baixou ao tumulo. Eis o que foi Catão; na vida uma voz eloquente

que apavorava os crimes, um braço forte que defendia a patria, um semi-deos entre seos considadões; na morte um pesadelo para amargurar o somno dos liberticidas, uma imagem constante de terror para os despotas, uma ironia amarga para os cortesãos, uma lembrança consoladora para a virtude opprimida, um titulo de orgulho e de nobreza para a terra maravilhada.

Rio de Janeiro, 1859.

J. OLIVEIRA CATUNDA.

Paginas de um livro sem nome

Noite piniçita.

Oh! é uma historia de sangue.

—MUSSET—

Uma taverna de má apparencia. Um moço junto de uma mesa; á alguma distancia um taverneiro enormemente gordo. São dez horas.

THEOBALDO.

Olá, taverneiro do diabo! Fecha aquella porta. Não sentes o vento latir lá fóra, não sabes, desgraçado, que esse latir é a agonia de um homem nos lençoes da morte?.. Pobre animal! Sempre com esse riso estúpido nos labios, sempre com esse maldito cachimbo no canto da bócca, sempre bebado! És um verdadeiro authomato. Parece-me que o sangue que te corre nas veias é mais frio que o de um defunto. Palavra de honra como me está dando vontade de spatifar esta garrafa nas tuas costas. (*Pega n'uma garrafa.*) Ouvistes?

O TAVERNEIRO.

Ouvi! — Não é a morte, que lá fóra sorve no seio de um homem a ultima gotta de sua vida. Vós, sois muito joven ainda: — não percebeis o rir, de uns labios salpi-

cados de sangue; não distinguis o rir d'um homem, torcendo-se nas ondas da loucura, do crepitar da alma no castiçal do corpo. — Bebei, moço! Quando vosso coração estiver gasto pelo frio de muitos invernos: quando vossos cabellos — que agora loiros, vos ornão a fronte — tornarem-se brancos, como a mortalha de uma virgem. — Então o moço, que n'esta taverna, junto d'esta mesa, á estas horas, ameaçou-me: — pedir-me-ha perdão — e eu, eu rir-me-hei do velho! — Rir-me-hei de ti, porque não acharás uma palavra, um olhar, um seio em que possas pousar tua cabeça escaldada pelo vento das desgraças.

Tua amante, — que agora é o perfume das rosas humidas pelo orvalho do ceo, por quem a lampada do teu amor arde no sanctuario mysterioso de teu coração, — essa mulher, Theobaldo, por quem tua imaginação ferve em ondas de poesia: vir-te-ha, — envolta em sua mortalha, — coberta com o pó do tumulo, — beijar tuas faces requemada aos sóes do estio,

Ao contacto de seos labios sujos — ainda sujos de terra — no desvairar d'esse beijo — na vertigem voluptuosa de seos abraços, — ante essa mulher que deseja dormir contigo, quererás morrer; quererás afastar de teos olhos a nuvem negra que te obumbra a fronte. — Em balde: — ante tua cabeça, mais pallida que o clarão da lua, estarei presente; estarei rindo do velho, como rio-me agora do moço; estarei ahi porque padecerás muito — Ah! se soubesses quem eu era, de certo não me terias ameaçado!...

THEOBALDO. (*interrompendo*)

Ah!... Perdão! meo velho de cabeça calva!.. Não vedes? eu tenho febre... a cabeça queima-me.... O vento, que entra por aquella porta, esfria o suor que gotteja de meu rosto.... Tenho as mãos frias como gelo... Não vêdes? eu tremo.... (*erguendo-se*) Desgraçado!.. Porque fraquês?... Acaso temes um velho? — Vamos!... coragem!! — Julgavas-me um miseravel que de medo tremesse, como as crianças ouvindo uma historia medonha!?!.. Enganastes-vos, meo velho. — Ainda sinto o sangue ferver-me no coração no amanhecer do dia. — Escutai: — á estas horas tudo dorme, — a noite vai alta. Não ouves? tudo é silencio. Pois bem, um de nós vai morrer. — Vamos! teo nome? —

O TAVERNEIRO (*rindo sarcasticamente*)

Meo nome?...

Perguntai á mãe, que vio seo unico filho morrer-lhe entre os braços: ao irmão, que vio sua unica irmã soffrer angustias, miserias, humilhações, por um homem, que ella amára — com o amor dos quinze annos; que vio, esse homem desfolhar n'uma só noite, essa flôr que tanto custára desabrochar: perguntai ao Oceano porque pretende elevar suas aguas ao ceo n'uma noite de tormenta; — porque cobre com seo manto esverdeado tantos cadaveres. — Elles te dirão trez palavras: — DOR, VINGANÇA E MORTE.

Dôr, — porque não posso esmagar, fundir no cadinho de minha raiva, calcar debaixo de

meos pés — esse — á quem os homens tribuão homenagens, por quem lanção grãos de incenso no thuribulo da mentira.

Vingança, — porque tenho sede: só o sangue me farta a sêde tantalica que me devora as entranhas. —

Morte, — porque as lagrimas do pai, do irmão, do amigo, me enchem o vazio dos olhos; porque rio-me, vendo correr da boeca de um corpo esverdeado, a espuma que transborda de seo coração; porque vejo tombar o ultimo grão de areia negra na ampulheta da vida; porque..... tenho somno. (*Deita-se no chão.*)

THEOBALDO.

Que idéa me rola no cerebro!.. Parece-me que a cabeça bamba debruça-se sobre um tumulto aberto: — lá, no fundo vejo correr de um peito de mulher, — sangue negro.... Meu Deus!... Tenho febre... sinto as faces seccas, como pergaminho resequido ao fogo. — Um suor de medo, banha-me a fronte regelada pelo halito d'essa mulher... Que riso amargo convulsa seos labios arroxados!... Um suspiro ondeou-lhe as faces. — Vai falar. — Silencio!...

O CADAVER.

Amar de joelhos uma virgem, esperar que a noite muda venha trazer os sons tristes de uma viola, conversar debaixo de suas janellas, com a lua, com as estrellas, perguntar-lhes se o vento frio da noite, no roçar leve de suas tranças, beijão tambem seus labios, querer lêr nos raios de luz, que passam atravez das gelosias, um nome, querer vêr atravez das cortinas a sombra de seu corpo desenhando-se na seda branca do cortinado, sentir uma lagrima de saudades vir cahir sobre seu seio de neve — é tão doce que se eu não fôra um cadaver, quizera ser tua amante. Mas amar como tu amas, e ser illudido, desprezado, enganado por um outro... Oh! mil vezes morrer... mil vezes roçar os labios resequidos pelas lembranças negras do inferno... mil vezes atravessar no

batel da morte o mar negro das desgraças... mil vezes!....

THEOBALDO.

Basta!... Maldição sobre essa mulher!... Maldição sobre sua cabeça! Eu, a estas horas, junto de teu cadaver, coberto pelo manto escuro da noite, — juro pela caveira de meu pae: — pelo ultimo beijo de minha mãe que em meus braços agonisou — como me vingarei d'esse homem, que me rouba o calor do peito!...

No aperto de meus braços encontrará a fria lagêa de seu tumulo — no rir de meus labios, o sonho gelado de suas venturas.... Suas noites serão tristes, como a solidão de um cadaver emparedado no frio tumulo.... Eu, vo-lo juro, guardarei o seu craneo, para beber por elle a lembrança d'essa mulher.....

Foi por ti, mulher, que não morri, foi por ti, que na noite da morte de meu velho pae, a sêde de viver veio ardente percorrer as cavernas de meu peito, que senti o coração estremecer no equilibrio de meu sangue.... foi por ti, que vivi... e tu, de tudo te esqueceste!.. — Esqueceste as noites, em que minhas tremulas mãos apertavão as tuas, que tambem tremião; esqueceste, minhas promessas, meus juramentos...

Porque, tuas faces cobrirão-se de rosas, na noite em que beijei-te? porque, então choraste, mulher fementida?... é que tambem os eyprestes chorão depois da chuva... é que as lagrimas em vós são tão promptas como o riso, é que disfarçais o crime como Judas, é que um beijo designa uma victima... Mulher, és falsa, como o sonho das venturas!..

Tu, com tuas mãos impuras esbofeteaste a cabeça angelica de meus sonhos de amor, enchafurdaste no lodo immundo a arca santa de meu scismar em ti.... e eu... eu ameí trez annos essa mulher, — trez annos fui escarneido por essa criança de quinze annos.... Eu virtuoso, acreditei na virtude falsa d'esse demonio. Ah! se soubesses quanto te odeio agora, não me terias enganado!

Quantas vezes, sozinho á noite, ouvindo as notas melancolicas de um regato, que vinha á meus pés lamber as flores, que inclinadas namoravão suas aguas, não senti uma lagrima de ventura vir-me humedecer as palpebras.... (*em desespero*) Agora são lagrimas de raiva que me correm dos olhos. Correi, e, arrastai na vossa quêda os galhos partidos e seccos de minhas illusões, — os ultimos de minha mocidade — tristes paginas de meu livro de amor! É verdade, que apagais as nodôas de seus beijos, mäs não podeis levar na vossa carreira, como um rio caudaloso as folhas seccas — o desdem, a raiva....

(*Moderando-se*) Todavia, eu jurei matar esse homem — jurei beber no seo craneo, as suas noites de ventura — é necessario que elle morra, é necessario que eu saiba o nome d'esse homem: hei de sabe-lo... Não quero que se diga, que eu, enganado pelas astucias d'essa hypocrita, deixei viver um homem, que risse de mim — que lançasse um olhar de escarneo e de irrisão, a corda desfolhada de meu amor — que pisasse-me no coração com seu pé de ferro. Não!... é necessario, que elle morra, que a lua d'amanhã não allumie seus risos, seus suspiros, sua felicidade, nem escureça minhas lagrimas, meus soluços, minha desgraça... — E' necessario que morra, porque tenho sêde, — porque a hyena espera sua ração de carne — porque preciso lavar esta nodôa negra, que me suja a fronte...

— Quero que meus labios seccos e estalados se orvalhem com o choro d'essa mulher; — quero ve-la erguer-se de seu leito prostituido, com sua veste ensopada em sangue, com sua bocca em fogo, vir sorver nos labios de seo amante — o ultimo sussurro da aragem da vida.... Oh!.. como ha de ser bello!. vêr essa mulher macilenta, com os cabellos desgrenhados apertar em seus braços convulsos um homem agonisante, vêr seu peito frio como o marmore, arquejar nas convulsões da morte, seus olhos injectarem-se de sangue, seus labios procurarem a vida, e encontrarem o frio somno da morte!

Precizo agora, que minha vontade seja forte, que meo braço não se curve no tor-

cer de sua agonia.... Oh lá, velho!.. esta noite necessito de ti — quero que ouças os sons tristes da harmonia da morte, que enxugues com tua barba branca as grossas bagas do suor da vida.. Já agora não te temo! Traze-me mais vinho. Embuçá-te no teu capote desbotado e partamos, mas antes; teu nome?

O TAVERNEIRO.

Desejas muito saber meo nome, moço?

THEOBALDO.

Muito!.. Pela jumenta de Bethfagé, que sim!

O TAVERNEIRO.

Ainda não achei um homem, que não tremesse, ouvindo somente metade de meo nome. — Parece-me que teos labios, tuas mãos, gelar-se-hião, se o ouvisses.

THEOBALDO.

Vês?!.. não tremo. (*dá a mão*) Sou teu amigo: necessito saber teu nome!

O TAVERNEIRO.

E' já muito tarde!... as caveiras, os corpos semi-podres puxão-me pela aba do capote — A morte lá fóra bate-me na porte (*dá meia noite*) Não ouves?... Adeos, Theobaldo — até sempre! — Não te esqueças de mim, e sobretudo do vinho. (*desapparece*)

THEOBALDO.

Meia noite! maldita hora, — hora em que a morte, — essa velha desdentada, embuçada em seu capote mais branco que a cal, tiritando

de frio, — fateando as trevas com suas mãos senis, vae ao cemiterio, arrimada á ossada da canella do velho Adão, debruçar-se sobre os sepulchros, para ouvir entre gemidos, os nomes de seus tristes inquilinos. Ah! bella proprietaria! tuas casas valem mais, que esses soberbos palacios, que erguendo-se magestosos de seus fundos alicerces, lanção dos altos torreões o cuspo do desprezo sobre a triste pobreza.

Receberás em breve, no sacco de teos seios o vintem asinhavrado de meu passamento: não irei só! os corvos terão mais dois cadaveres para banquetear-se, e tu, minha bella, sentirás debaixo de teus mirrados pés, o estalar de mais dois craneos. (*dirigindo-se á porta.*) Teu espectro, será o pharol de minha vingança; o farfalhar de teu manto, o meo hymno de morte.

Amanhã, o frio ar da noite, obedecendo á sua força elastica, virá occupar e espaço, que tiverem deixado dois corpos vivos... Depois... eu tambem morrerei, tambem irei varrer teu liso craneo com o sopro da vida..... (*procurando*) Oh! Taverneiro do diabo! aonde estas?..... E o maldito foi-se! Não importa! Beberei sosinho... A' tua saude, minha velha! (*bebe, e arremessa para longe o copo*) Apre! que vinho forte! Bofé! Os mortos acordar-se-hião, se bebessem um só trago; es-calda as entranhas, como a cêra no queimar das tochas de enterro..... Palavra, que estou com somno.. Tenho fogo no peito.... Sinto as pernas bambas curvarem-se com o peso da cabeça... Meo Deus! parece-me ouvir lá fóra a risada amarella do taverneiro.... Tenho medo..... Oh! quanto soffro!... O vento trouxe-me á pouco um nome (*delirando*) que nome..... isto é horrivel!.... Oh! sangue nas minhas mãos!..... Meo Deus!.... eu.... morr.....
.....
Cahe de bruços. Um surdo grunhido sahe de repente. A lampada que estava suspensa na intercessão das diagonaes da sala, lança um ultimo clarão, que vem morrer sobre seo frio peito.

Noite segunda.

Obra de sangue e parto dos infernos,
— Hade sella-lo o anjo dos terrores!
E só trez nomes conterà.....

JUNQUEIRA-FREIRE.

O alto do morro de S.^{ta} Thereza; ahí n'uma pedra está assentado um moço de 19 annos; sua pallida cabeça descança sobre uma de suas mãos; junto de seus pés uma pistola e uma carta aberta — Theobaldo vem subindo a ladeira, olhando para o ceo; tropeça nas pernas do moço.....

THEOBALDO.

Perdão! Senhor, não vos tinha visto.

O Moço (*levantando-se*)

Desculpai-me, senhor, pensava em meu pae e..... mas vós chorais?!

THEOBALDO,

Pensava em meu pae, dissesteis vós; tambem eu pensava n'um pae e a lagrima que sentiste em vossas mãos, era a resultante de bem tristes reminiscencias, mas não vos devo entristecer; não quero mais lagrimas na capella murcha de meus amores, nas cinzas frias de meu scismar..... O meu passado-esse é irreparavel: meu futuro — ei-lo! (*aponta para o despenhadeiro.*) Rezai um padre nosso pela alma de um desgraçado. — Boa noite...

O Moço.

Vais morrer, amaste, soffres, choras um pae; eu tambem vou morrer, tambem amei, soffro e lamento um pae: sejámos amigos. Assenta-te e confia o segredo de tua vida á alma d'esta pistola.

THEOBALDO.

A historia de minha vida, não é? Ella te fará tremer!

Vês aquellas luzes lá ao longe? Vês aquelles homens que no delirio da dança, percorrem aquella sala illuminada, talvez com suas amantes? Pois bem: se o vento, que nos cerca agora, chegasse aos seos ouvidos e dissesse um nome, verias a alegria tornar-se em chôro; elles, que á pouco movião-se, então estaticos, e ques jaspeas columnas, — e ellas talvez morressem abraçadas a essas columnas.
.....

A historia de minha vida é trez paginas: a primeira — são flores, que no seu desabrochar, pronuncião o doce nome de mãe; a outra — são os amores, escrevendo com rosas nas faces de um moço, essa mysteriosa palavra — *amo-vos*; a ultima — essa é negra, as lettras d'essa pagina, são escriptas com sangue, as palavras dictadas pela raiva, pela sêde de vingança; são duas almas que se esvaem pelo correr da mistura de dois sangues..... Ao voltar d'essa pagina encontrarás um corpo; da testa d'esse corpo, correrá o licor negro dos remorsos, de sua bocca a haba esverdeada do vasquejar da morte.... mas tremes?

O Moço.

Não tremo. A pedra mal assentada cambou para um lado. Não vês? — Podes ler

sem susto as paginas do livro de tua vida.
— Ouvir-te-hei atento.

THEOBALDO.

Escuta..... Havia outr' hora um homem que amára uma mulher.... Esse homem esquecera de sua mocidade, de seus amigos, para zeloso velar, como a mãe a creatura de seo sangue, as noites d'esse anjo...

No cahir das noites, verieis debaixo de suas janellas, uma sombra que se desenhava na parede branca de seu palacio; essa sombra, o que ali fazia, só Deos o sabe.

Quando uma folha, impellida pelo vento da noite, vinha cahir junto da janella de seu quarto illuminado, a sombra estendia o braço, e recebia na ponta de seu punhal, essa folha secca, temendo talvez, que o estalar d'ella, no seu cahir, assustasse o anjo que ali morava.

E se as vezes, uma flor lançada d'esse quarto, vinha obdecendo á gravitação, procurar um estorvo á sua queda, ella a recebia nos labios.... Essa sombra, amava muito essa flôr, — ella era as harmonias santas de seu amor — a aurora de sua alma — o sol de sua vida. Ella amava muito essa flor.... A' vezes, no dormir da natureza, se um relampago viesse acordar as trevas, velhias erguer o punhal, ameaçar o ceo, levar o dedo aos labios para impor silencio ao trovão.... Coitada! Deos a tinha de certo amaldiçoado.

Esse punhal, que impedira a queda da folha, esses labios, que receberão a flôr, essa sombra — era a de meu corpo. — Se mandei o trovão calar-se, se pedi a Deos a lyra de seus anjos, se fui poeta, se ajoelhei-me junto de uma cruz, se meus labios murmurarão uma oração, se a luz do crepusculo ouvi os passaros ninarem as folhas que deitavão-se, foi por ella.... e ella — Oh! isto é muito horrivel!!!... Ella enganou-me... Hoje sinto a cabeça curvar-se sobre o peito, como um ramo sem folhas se dobra ao pezo de um corvo — Hoje sou o fi-

lho das desgraças, que embalado pela morte vae dormir no frio berço da eternidade. — o orphão, que no seo desespero, esmaga o craneo de encontro ás pedras d'este despenhadeiro. — Hoje vou morrer.....

.....
Não ouves o bulhar do sangue nas lageas de meu peito, o rodar do carro das desgraças sobre as calçadas de minha dôr? é que á pouco subindo a ladeira, ouvi no ramalhar das arvores um nome: fui indagar, quem me chamára de assassino, — erão as folhas, que prenhes de orvalho, deixavão cahir sobre suas irmãs mortas, lagrimas de perfume. — Hoje a negridão da noite, a lua boiando nas ondas das nuvens da côr do mar o flutuar de meus cabellos, parecem-me pronunciar o mesmo nome.

Tudo, tudo, que me cerca me causa medo. Os homens das montanhas, no decahir das tardes, ao recolher seos rebanhos, pronunciação meo nome para fazer seos filhinhos tremerem de mêdo.....

..... (*erguendo-se precipitadamente*) Dize-me, não é sublime ver um filho, de joelhos, á cabeceira do leito de morte de seo velho pae, com a cabeça coberta por uma de suas mãos, jurar-lhe entre soluços, conservar a honra do nome de sua familia? Não é um quadro pathetico? Agora o reverso — não é horreroso, vêr esse mesmo filhos, que jurára á seo pae muribundo, esquecer-se de seo juramento, desfazer como uma lagrima da *Baltavia* ao quebrar-se a ponta, o que seu pae tanto custára conservar, elle, que trocára a vida pela conservação de sua honra, que zeloso cuidára da educação d'esse filho, que depositára n'elle as esperanças de sua velhice, que julgára ter a seus pés, um filho, que merecesse esse nome, acalentava um vil assassino..... Dize-me, não é isto horrivel?... não é horrivel um só homem ter assistido ao tombar de dois corpos, com um só punhal ter arrancado a vida de dois seres, fazer dois beijos trocarem-se n'um só gemido, dois gritos formarem um só som. Dize-me, não é necessario, que esse homem morra? De certo que sim!..... Hei de morrer....

Lança um olhar por este despenhadeiro coberto de grama: não vês lá embaixo, ali,

da sombra d'aquella arvore (*apontando*) um pylilampo esvoaçando; é o cirio que tem de allumiarminha fronte pallida, meu cadaver insepulto, só coberto pelo clarão da lua....

Eu, que entrára no batel da vida, para atravessar o rio magico de meos trez annos de amores, — que vira nas nuvens brancas do seo azul a imagem d'essa mulher, não devera ter encontrado, ao cabo de minha viagem o rochedo negro das ciladas; não devera ter bebido, na taça das lagrimas, o vinho amargo dos enganões; não devera soffrer tanto!. Não devera ter no frontispicio de minha mocidade — morte!.. —

Que importa!. Tambem o indio, á sombra dos palmares, entezando a corda de seo pesado arco, desafiando a onça esfaimada, ri-se, e elle é feliz porque sabe que a morte babou na ponta de sua setta. Que importa que ao crepusculo vesperino de minha mocidade, succedesse uma noite tempestuosa e negra, que os abutres abatendo seos vôos para esta solidão, dilacerem minhas entranhas? Que importa! Se me vinguei... Se senti seos corações palpitem na ponta de meo punhal.... (*com ar triste*) Eis a roupagem que cobrio meos 20 annos. Agora quero mostrar-te o cumprimento de meos juramentos. Vês? (*atira ao chão uma cabeça ainda coberta de carnes*) Fria como seo corpo! Triste como a morte. Ennegrecida, como o cume dos montes pelo roçar das nuvens!.

(*Apontando*) Eis o dobrar do sino da vida, tocado pela morte na torre do mundo!

Eis a solda, que me liga á morte.

Agora á nossa!....

O Moço.

Ouvi-me tambem.

Não vos fallarei de minha infancia, não irei pedir aos anjos, essa pagina dourada de minha vida, não vos farei ouvir as canções, com que minha mãe me embalára; fôra loucura pedir á lampada que desmaia, á sua luz, que treme, um clarão constante; á flor, que secca a côr de seo desabrochar; ao sol, que deita-se, a lindeza dos raios de seo nascer.... a ella uma lagrima de saudades.... (*fica pensativo*)

THEOBALDO.

Meo Deus!! Que tens? falla?...

O Moço

Nada! absolutamente nada..... Hontem vaguei á tôa pelas ruas da cidade; assistí ao sol abrir com sua chave dourada a porta do dia, cerrar com suas roseas mãos a cortina das nuvens. Hontem assistí tambem á agonia de uma virgem, vi ella morrer entre meos braços, vi seos paes beijarem suas faces frias, orvalharem com lagrimas, seo peito tambem frio, e nem sequer uma lagrima em meos olhos: eu amava muito a essa virgem — não podia chorar comtudo, não morri n'esse dia; não morri porque tinha febre, — porque uns homens vestidos de preto, fallarão-me de um Deus, disserão-me que elle era bom, misericordioso! Ah! vis hypocritas! vossas palavras, vossas resas não são mais, que um pretexto, que inventastes para poderes a gosto assistir á essas scenas de dôr; de vossos labios, só cuspis mentiras! — Sois tão bons, tão misericordiosos como vosso Deus! — Dizei-me, de que servem vossas resas se ellas são compradas á pezo d'ouro? — para que, essas palavras doces em vossos labios, para que essa humilhação, se em vossos corações se aninhão idéas, negras como vossos vestidos. Vosso mestre, vosso divino mestre só imagina maldades! — Eis as obras de um Deus bom e misericordioso! — uma virgem morta! uma virgem, que tinha á cabeceira de seo leito um crucifixo, que resava, que pedia em suas orações a conservação de seos paes e de um homem, que ella amava; — uma mãe, desconsolada, — um pae, que chora, um amante, que no seo desespero o maldiz, que tem de morrer, porque não pôde viver com a lembrança d'essa virgem; porque quando ella hia morrer, quando sentio o sangue gelar-se nas veias, chamou-o para junto de seo leito, fê-lo ajoelhar-se, e unindo seos labios já frios aos d'elle ardentes pela febre, disse-lhe no seo ultimo suspiro um nome, — esse nome foi para elle uma ordem..... Já vês, que hei de obdecer, e portanto morrer. (*mostrando o peito*) Vês esta nodoa negra que me man-

THEOBALDO.

Vamos! acaba com isso!

O Moço.

Bôa noite!

THEOBALDO.

Adeus

..... E os echos responderão Deos.

.....
O tiro partira. Uma só bala atravessára dois peitos. Um só corpo rolou no abismo.

.....
Morno era o silencio, só interrompido pelo som do ar occupando novos espaços — a inflamação da polvora tinha rompido o seo equilibrio. —

Noite Terceira

Enchei meo copo! Nunca senti como hoje este ardor que leva a alegria até o fundo da alma. Bebamos.....

— BYRON. —

A mesma taverna do principio, em uma das muitas mesas, que a guarnecião estão assentados dois homens: um é o Taverneiro vestido agora de branco, o outro é um velho. Era uma cabeça feia, tinha uma pallidez de morte, seos olhos pequeninos e encovados parecião despedir centelhas, sua bocca era medonha, uma escuma esverdeada guarnecia os cantos, em seos labios róros e mirrados torcia-se um sorriso forçado — Em cima da mesa dois retratos; erão allumiados pela luz baça de uma candeia, que estava suspensa na parede por um crucifixo quebrado —

(O Taverneiro contemplando os retratos) Na verdade, José, custou-me bastante ganhar esta partida! os maldictos tinham marcado as cartas, quasi que perdi. —

O VELHO.

Ganhastes! e quantas risadas destes?

O TAVERNEIRO

Quantas? ouvi-me.... Fiz morrer trez homens — duas virgens mui bellas, olhai! véde seos retratos (mostrando os retratos)

O VELHO.

Na verdade, que são bellas, continuaí.

O TAVERNEIRO.

Uma mulher — uma velha, que envenenou-se — e um tolo — um velho tambem ficou doudo, sabendo, que o filho e a mulher tinham morrido. Forte asno! ficar doudo podendo matar-se.....

O VELHO.

Somente!

O TAVERNEIRO.

Como sou esquecido! Hia-me fugindo um pelo pão do canto. Mas esta tambem era uma criança, morreu abraçada com a irmãa! Não me deixa saudades!

O VELHO.

Está bom! Não foi má a ceifa! Ide acender a vela do lampeão da porta, a ver se temos hoje outros hospedes, enquanto eu vou preparar o vinho. — E' verdade! não vos esqueçais mudar de calças, essas estão sujas de sangue andai — minha caveira secca! Até logo.....

.....
Dias depois dizião os jornaes da corte: « Encontrou-se hontem no morro de Santa Theresa dois cadaveres: não se podia distinguir as feições, os corpos estavam em tal estado de putrefação que se enterrarão ahi mesmo — presume-me-se ter havido um duello.

F. SIQUEIRA DIAS.